

'Perestroika' na educação

HÁ cerca de 30 anos, o sistema educacional dos Estados Unidos foi submetido a análise exaustiva, provocada pelo avanço da União Soviética na corrida espacial. Agora, ele está sendo mais uma vez questionado. Não há um novo sputnik nos céus; o que preocupa as cabeças pensantes do establishment americano é a disparidade entre o nível do ensino e os índices do progresso acumulado pelos Estados Unidos.

É UMA preocupação saudável. Ao agir assim, o país dá a si próprio a oportunidade de escapar da armadilha de uma educação que, satisfeita consigo mesma, deixa de ser inquieta e inovadora para se mostrar simplesmente reprodutora.

ORA, a educação deixou há muito de ser meramente reprodutora, ou transmissão seletiva do adquirido; tornou-se desafio para a invenção do futuro. No passado, as fontes de informação eram reduzidas e o conteúdo desta se podia concentrar até mesmo numa pessoa: a figura do sábio, às vezes identificada num professor. Hoje, as fontes de informação são múltiplas e freqüentemente conflitantes, forçando a educação a ser

troca, debate e formação do senso crítico.

PESQUISAS do Instituto Gallup, sobre um universo de oito países do Primeiro Mundo mais o México, deram a medida da desinformação do americano: três em quatro americanos, na faixa dos 18 aos 24 anos, eram incapazes de localizar o Golfo Pérsico num mapa; muitos responderam que a guerra entre sandinistas e contras se travou na Noruega, na União Soviética e até em Luxemburgo.

MAS essa constatação remete para uma outra: a do desinteresse dos jovens, atitude que sugere crise na cidadania. Porque, sobre os resultados de outra pesquisa, esta conduzida pelo Times Mirror Center, diz o diretor Andrew Kohut: "Quem pertence às faixas dos 30 e dos 40 anos está desencantado com a situação, mas se mantém alerta, sabendo das coisas. Os que têm menos de 30 anos, porém, não estão apenas desiludidos, como também desinteressados."

NÃO é novidade essa conexão entre educação e cidadania. Pode-se dizer, mesmo, que a cidadania é função da educação em sentido amplo. De uma educação perma-

nente, que não expira com a escolaridade, nem se confunde com esta. E de uma educação que é exploração de todo potencial encontrado nos indivíduos e nas coletividades.

EIS por que faz sentido a reflexão de Frank Newman, Presidente da Education Commission of the States: "O que precisamos, e com urgência, é de uma boa dose de perestroika em nossa educação. Estabelecer metas, liderança e uma estratégia para dar um empurrão em todo o mundo dentro do sistema."

FAZ sentido, porque educar é, de alguma sorte, reeducar — daí a perestroika, ou reconstrução. E a reconstrução do sistema educacional americano, apesar dos graves problemas de que a desinformação e o desinteresse da juventude são sintomas, sempre será possível na medida em que exista a consciência de sua necessidade e a decisão de agir a respeito.

EM muito pior situação estão países como o Brasil. Menos pela ausência de recursos do que pela desinformação e o desinteresse de suas classes dirigentes face à prioridade da questão educacional no conjunto dos grandes objetivos nacionais.